

o nome de B. A. COMES, realisando-se mais uma vez a lei de que é raro o facto importante que não tenha raiz n'um facto anterior que lhe serviu de base, merecia ter sido honrado na solemnidade parisiense, sem prejuizo da glorificação dos dois chimicos francezes. E, todavia, n'essa solemnidade nem uma allusão, nem uma referencia, foram feitas ao nosso compatriota, o que talvez bastasse para satisfazer o nosso justificado orgulho.

«Já um medico portuguez bastante erudito, o snr. ALFREDO LUIZ LOPES, na *Revista portugueza de Medicina e Cirurgia practicas* (15 de outubro de 1900), dignando-se ouvir a minha humilde opinião sobre o assumpto e associar o seu ao meu nome, lavrou solemne protesto de reivindicação.

«Será bastante?

«Não deverá a *Academia Real das Sciencias*, zelando as prerogativas do seu socio benemerito e portanto as suas, lavar tambem por qualquer maneira o seu protesto?

«Ella o dirá».

(Do *Jornal de sciencias mathematicas, physicas e naturaes*; 2.^a série, t. VI, n.º XXIV, Lisboa).

Variedades

Homenagem a Sousa Gomes.—No '*Chemiker-Zeitung*', n.º 86 de 20 de julho de 1911, p. 798, encontra-se uma amavel referencia ao finado professor, ao seu character e aos seus serviços como pedagogo.

O discurso do snr. DR. DANIEL DE MATTOS, Reitor da Universidade de Coimbru, junto á campa do malogrado amigo, foi muito sentido. Encontramol-o no *Diario de Noticias* de 13 de junho de 1911 e d'elle destacamos estas phrases :

«—que, tendo o fallecido manifestado desejos de que se não pronunciassem discursos no seu funeral, elle ia proferir apenas algumas palavras, não só em nome da Universidade e como amigo pessoal do finado, mas tambem como representante da Direcção Geral da Instrucção Superior, que d'essa missão o encarregára por telegramma, — que mostrou;

«—que o DR. SOUSA GOMES, fôra sempre um professor distincto e trabalhador, dando á Universidade de Coimbra o melhor dos seus esforços, desempenhando com inexcédível zelo o seu lugar, publicando livros para o ensino superior e para o ensino secundario, tornando o estudo da clinica muitissimo mais completo do que nos tempos em que fôra estudante e procurando

elevar o ensino d'esta sciencia ao grau a que, n'um estabelecimento d'esta ordem, deve ser elevado;

«—que fôra um chefe de familia exemplar, porque tendo sido pae de nove filhos, soube dar a todos elles uma educação primorosa, tornando-os perfeitos cidadãos com que a Patria póde contar, e soube fazer do seu lar, pela força do seu exemplo e pela força do exemplo de sua esposa, um verdadeiro modelo de virtudes domesticas;

«—que fôra um cidadão prestante, porque a sua acção na Universidade não se limitou a cumprir exemplarmente o seu dever: antes, pelo contrario, irradiou em torno de si, praticando o bem em tudo quanto era compativel com as suas forças; e foi assim que elle, tendo necessidade, para sustentar a sua numerosa familia, de receber estudantes em sua casa, adoptava como seus filhos os seus parentes mais necessitados, acolhia gratuitamente, sentando á meza e fornecendo livros, etc., os estudantes que, por falta de meios, não poderiam continuar os seus estudos, de fórma que muitos a quem diversas circumstancias impossibilitavam de se formarem, devem hoje ao seu auxilio a conclusão da sua carreira. Parentes, afilhados, amigos e discipulos que digam se isto é ou não é verdade!;

«—que fôra um character modelar, porque não só não sabe d'uma unica pessoa que soffresse d'elle um agravo, mas tambem porque, conhecendo-o ha bastantes annos, nunca viu a mais pequena incoherencia entre as suas ideias e os seus actos, e, por isso, a sua figura, d'uma enorme grandeza moral, se impõe ao nosso respeito e á consideração de todos os espiritos imparciaes, sejam quaes forem as suas ideias politicas ou as suas ideias em materia religiosa;

«--que lastimava profundamente que, no nosso paiz, ao contrario do que succede na douta Allemanha e em outros paizes onde o professorado goza de outra consideração que não tem em Portugal,—os professores constituam um verdadeiro proletariado intellectual, a ponto de que, quando fallecem e se dá o caso de terem uma familia um pouco mais numerosa, essa familia fica a braços com as mais angustiosas provações, como succede com esta familia agora.

«E terminou, fazendo votos para que o governo da Republica, que tem promettido remediar este mal, o faça, efficaz e rapidamente, imitando o que se faz no estrangeiro,—principalmente na douta Allemanha,—para que não volte a dar-se o que se dá com este fallecimento:—que um homem, que trabalhou e tanto bem irradiou em torno de si, falleça deixando os seus em difficuldades com que não deviam ter de lutar».

As eloquentes palavras do illustre professor da Faculdade de Medicina de Coimbra e reitor d'aquella Universidade representam uma justissima homenagem, digna de registo, e constituem um verdadeiro lenitivo para a familia do malogrado professor.

O aproveitamento das aguas das Caldas de Saude em Santo Thyrsó.—A 3,5 kilometros da villa de Santo Thyrsó acha-se a nascente sulfurea que alimenta as Caldas da Saude, e que por mim foi analysada em 1899.

Uma comissão 'de pessoas influentes de Santo Thyrsó, com o fim de beneficiar esta villa, concebeu a ideia de conduzir as aguas da nascente até lá, e um clinico da localidade, o snr. DR. JOSÉ COELHO D'ANDRADE, pede-me que responda ás seguintes perguntas:

«Evitando quanto possivel a acção do ar sobre as aguas desde a sua nascente, no percurso de 3,5 kilometros, por meio de uma canalisação apropriada, a sua alterabilidade será tão importante que lhe desmereça o valor?

«Partindo de principio que existem substancias radioactivas, soffrerão prejuizo importante no percurso?

«Que canalisação, mais aperfeiçoada e preferivel se deve empregar em caso de ser viavel o projecto».

No meu conceito, o aproveitamento da agua mineral das Caldas de Saude em Santo Thyrsó é viavel e possivel, sem quebra sensivel das suas propriedades medicinaes e therapeuticas. Já isso se faz, embora a distancia menor, na estancia de Entre-os-Rios. A agua da nascente da Torre é aproveitada no estabelecimento balneario, que d'ella fica distante 200 metros, e a agua da nascente da Curveira é tambem transportada para lá á distancia de 600 metros.

A sulfuração da agua das Caldas de Saude, e a sua estabilidade são comparaveis ás de Entre-os-Rios.

O material a empregar para o transporte deve ser o chumbo, que fica protegido interiormente, depois de algum tempo de passagem da agua, por uma camada de sulfureto de chumbo.

As condições de isolamento perfeito, para que a agua não se modifique na sua temperatura, foram bem realisadas já nas Caldas de Moledo, sob a direcção do snr. TERRA VIANNA.

No opusculo do finado professor JOSÉ JULIO RODRIGUES sobre as aguas Lijó e Gallegos, perto de Barcellos, citam-se exemplos, que convém estudar, de aproveitamento de aguas sulfurosas a distancias maiores ou menores da nascente.

Se fosse possivel visitar as installações citadas, seria isso conveniente; embora essa visita não seja indispensavel. Um engenheiro intelligente póde elaborar o plano da obra.

A nova organização do ensino Superior em Portugal – A pseudo-Universidade do Porto. – Do *Primeiro de Janeiro*, de 29 de junho, transcrevemos o seguinte artigo, devido a um profissional muito illustrado, e cuja voz deve encontrar eco no nosso meio intellectual:

«Podemos ainda hoje, infelizmente, dizer em Portugal o mesmo que, em relação á França, dizia ha trinta e sete annos o snr. MONOD, na Escola Livre das Sciencias Politicas: «Para falar toda a verdade, não existe ensino superior no nosso paiz».

«Universidades, isto é, grandes estabelecimentos scientificos onde todos os ramos do saber humano estejam representados, autonomos, livres, sustentados pelo Estado, existem actualmente em todas as nações europeias, creio que até na Turquia e em Marrocos, excepto em Portugal.

«É extraordinario, mas é, infelizmente, verdadeiro, e assim o confirmou o governo da Republica, occupando-se da organização d'este ensino, como um dos assumptos mais urgentes.

«É do ensino superior, com effeito, que dependem os progressos da instrucção publica nos seus diversos graus, assim como o desenvolvimento intellectual do paiz inteiro. É, pois, este um assumpto vital por excellencia em qualquer nação.

«Será sempre pouco tudo o que se disser para stigmatizar o desleixo criminoso a que tinham deixado resvalar o ensino no antigo regimen. Sabemos todos que, a despeito de tudo, existiam e continuam a existir professores eminentes e proeminentes individualidades no dominio *das sciencias e das letras* — espiritos disciplinados que no paiz ou no estrangeiro conseguiram á força de vontade e superior intellectualidade completar a sua educação scientifica e litteraria. Estes elementos, porém, encontram-se perdidos, diluidos e inutilizados na grande massa ignara d'um povo na sua maior parte, aqui no norte pelo menos, ainda immerso na inconsciencia beata d'um fanatismo religioso ou d'um fanatismo inculto materialista e utilitario.

«Como cidadão portuguez enchemo-nos, pois, de satisfação e de coragem ao vermos annunciada a organização do ensino superior. Fomos, porém, tomados da vertigem do desanimo e da descrença quando lêmos a *constituição universitaria*, não por que ella seja mal delineada, ou não contenha tudo o que essencialmente caracteriza um ensino superior moderno; não por que encontrassemos graves defeitos na organização detalhada dos estudos e distribuição das materias; — não temos para isso competencia e os technicos com a pratica e com o tempo emendarão o que porventura careça de correção. Sentimo-nos desanimados e descrentes por causa da *constituição universitaria*, assim chamada, *do Porto*, pelo que ella tem de *insidiosa* e de *iniqua* para todo o norte no paiz e para a cidade do Porto.

«Temos alimentado a illusão de que tivesse havido esquecimento, falta de reflexão, engano ou coisa parecida. Essa illusão vae desfazendo-se; não ha engano, não; quem fez aquella distribuição do ensino superior fel-a consciencientemente. É lá possivel!... Não sei qual mais admire, se a ousadia, o indecoro social, o desplante e o atrevimento de quem tal sugeriu ao ministro, se a indifferença ou, melhor direi, a inconsciencia do povo do norte e do Porto. É lá possivel acceitar similhante iniquidade! *Se em Portugal tem de haver e pôde haver tres Universidades*, incontestavelmente *tem de organizar-se uma no Porto, que é a segunda cidade da nação, o centro da região mais populosa do paiz e da mais numerosa população academica.*

«*Nada de «magister dixit», nem de impertinentes sobresenhos autoritarios*, que pretendam lograr a nossa boa-fé de cidadãos do norte: *aqui no Porto falta uma faculdade de letras e uma escola normal superior*, pelo menos, para que de facto haja uma Universidade.

«Não temos direito de nos insurgir porque não haja aqui uma faculdade de direito, uma faculdade de sciencias politicas e sociaes, uma faculdade de agronomia ou outras especiaes. Mas temos o dever de solicitar aquillo que é

absolutamente indispensavel a um ensino superior completo, embora modesto; e devemos ainda notar o facto extranho de não haver no Porto ensino superior agricola, n'esta extensa região tão atrazada em agricultura. Temos finalmente, e sobretudo, o direito de exigir que não pretendam illudir a nossa boa-fé, e que as leis d'instrucção, que é o pão do espirito, garantam absoluta equidade na distribuição d'esse alimento.

«O povo do norte não percebe a utilidade e a necessidade d'esse ensino superior completo? Obscurecido e fanatisado é indifferente para elle que haja ou não uma Universidade real e authentica no Porto, e por isso nem a exige nem mesmo a solicita?

«E por isso que, aproveitando essa inconsciencia, se lhe não fornece tal ensino, como deve ser?

«Oh! Mas isso é que é iniquo e indecoroso. Esse seria mais um argumento para que tal ensino se estabelecesse aqui, quando mesmo todas as demais circumstancias o não impozessem. Essa seria a razão mais forte, porque isso provaria a urgencia de promover por meio d'um ensino superior solido a educação intellectual do povo, desenvolvendo n'elle o caracter nacional e o patriotismo. Ninguém ignora hoje que é com um ensino superior bem organizado que maior influencia se exerce sobre o caracter, sobre a moral social e sobre a intellectualidade de um povo.

«Não nos parecem discutiveis as razões que impõem a criação no Porto d'um centro completo d'ensino superior. Custou-nos a adquirir a convicção de que tal não se fizesse desde logo; mas as nossas illusões e boa-fé teem-se desvanecido. Parece que se anda tão alheado do assumpto, parece que se conta tanto com o *torpor* ou *inercia* da consciencia social do povo do norte, que não ha receio de que essa consciencia desperte. Ha tempos pretendeu-se tirar do Porto dois elementos dos mais distinctos para a faculdade de medicina, dois illustres psiquiattras; ultimamente arrancaram d'aqui uma distinctissima filologa e illustre litterata. Que quer isto dizer? Haverá, porventura, no Porto, excesso de sabios? Não precisamos nós de todos estes elementos—e são bem poucos—para organizar o nosso ensino? Ou estará porventura o Porto condemnado a ser um sertão onde as sciencias e letras tenham de extinguir-se e hajam de fechar-se todos os laboratorios, desde o notabilissimo laboratorio municipal, até ás vastas arcadas e galerias cobertas de calça e pedra solta do palacio da Academia Polytechnica?

«Não póde ser. O Porto é o *segundo*, senão o *primeiro*, centro (quanto á população do paiz) do paiz, e é o centro d'um povo que não tem menos aptidões do que o admiravel e generoso povo do sul, que sobre aquelle leva a vantagem de ter o espirito desanuviado de fanatismo religioso. Não é possível que se lhe negue a facilidade de instruir e educar o seu espirito.

«Esperemos que a Assembleia nacional lhe faça justiça e pondere muito maduramente no momentoso assumpto do ensino superior no Porto. Não pretendam illudir-nos com palavras; no Porto não ha ainda Universidade, nem ensino superior constituido e organizado.

«O centro d'ensino, o centro intellectual de mais de tres provincias, ha